

DOMINGO, 6 DE JANEIRO DE 1963

## A VOLTA À INFÂNCIA

NESTE admirável domingo de Epifania e de "plebiscito" (é a versão prosódica de alguns ilustres próceres políticos na rádio e na tevê) tenho uma louca tentação de voltar à infância, de mergulhar na ternura surpreendente do instinto sem inibições, o genial instinto da criança. Toda criança normal participa da glória de Leonardo e de Colombo, toda a infância é uma caminhada de caravelas em mar desconhecido, uma permanente experiência de combinações de símbolos e de formas para a expressão. Os descobridores só no fim das rotas encontravam a terra virgem e cheia de surpresas que a sua espantosa intuição colocara em mares ignotos. Os artistas da estirpe leonardiana fugiam das fórmulas, mas ao encetarem as combinações novas tinham em mira algo de definitivo, um ideal a encontrar. Para usarmos de uma expressão moderníssima, que invadiu tudo dos programas dos jardins de infância às falas presidenciais, descobridores e artezãos planejavam as suas experiências. A criança não. Dir-me-eis que a criança trabalha sobre o óbvio e apenas redescobre coisas arquidescobertas pelos milhares de gerações que antes dela vieram. Não é bem assim. Lembremo-nos do velho Heráclito e do mágico rio que já não é o mesmo para o banhista que chega às margens pela segunda vez. Cada redescoberta é para a criança "algo de nuevo" como para o navegador espanhol.

É tradição velhíssima, em toda a imprensa, que os dois primeiros folhetins do ano façam a "revista" do que sucedeu nos trezentos e sessenta e cinco (ou seis, quando a lua manda) dias do ano precedente. Mas se todos andam desprezando as mais caras tradições, na "oikos" e na "polis", não serei eu que vá respeitá-las. E ao invés de olhar o passado olharei o futuro. As cinquenta e duas semanas de 62 não foram das melhores, a não ser aquela em que o bom senso dos homens conseguiu evitar o apocalipse nuclear que ameaçava desabar sobre o mundo. E os anjos já tinham soado a primeira trombeta! Não falarei pois do passado, mas do futuro e não do futuro restrito a um

ano mas desse futuro vivo e mágico que são as nossas crianças.

A exposição final desse 62, que acabou sem muita coisa definitiva no campo das artes plásticas, foi a da Décima Primeira Exposição de Pinturas de Crianças no Museu de Arte Moderna. Mais de sessenta meninos e meninas, de 5 a 14 anos expuseram as suas "obras", resultado de um ano de convivência sob a hábil batuta de Ivan Serpa.

Já falei muito de Ivan Serpa nestes folhetins. Mas ainda não tinha abordado esse setor de sua múltipla personalidade: o ensino. Lá estão, nas salas do MAM dois atestados de sua perícia. Um, o mais grave, com três jovens gravadores, Rene Lúcio, Miriam e Eliane Marie, ao lado dos quais estão os desenhos da saudosa Mara Pereira Nunes, tão bonita e tão boa, que a morte traiçoeiramente nos levou. Mas esse não é o principal atestado da habilidade dadática de Ivan Serpa. Conduzir adolescentes e jovens, muitos mestres o fazem, e bem. Mas conduzir crianças nestes mares onde, ao revés dos colombianos, as ilhas e as interrogações estão presentes a cada passo, não é tarefa de somenos.

Alan Davie, professor de crianças como Ivan Serpa, nos dá um depoimento precioso em um documento intitulado "The developing process" onde escreve: "Trabalho com a firme convicção de que a Arte é alguma coisa de basicamente natural no homem... Como é difícil desembaraçar-se alguém de falsos conceitos de arte, baseados em conhecimento, fórmulas e habilidade!... Deve-se aprender a acreditar na intuição que "conhece" sem conhecimento... Para demonstrar a natureza dinâmica da força criadora, começo com exercícios simples, de atividade não ideativa (idea-less activity)... O próximo estágio inclui a idéia, mas a idéia intuitiva, sem uma discriminação ou um ponto de fixação preliminar... Depois de um longo exercício a criança, experimentando vários meios, realizando um grande número de trabalhos, aprendendo a acreditar na magia da força criadora interior, entrará, como adulto, no campo de criatividade, confiando na sua liberdade recém-formada..."

A citação é longa, mas faça-a porque corresponde magnificamente ao que vemos na exposição dos alunos de Serpa no MAM. Davie sugere que o estudante, através desse caminho de liberdade encontre os caminhos da diferenciação adulta, no livre exercício da atividade.

Tive a grande sorte de encontrar, em minha última visita do ano ao MAM, o próprio Ivan Serpa, ao lado de Fernando Goldgaber, que fez as fotografias dos meninos-artistas, e de alguns dos pequenos expositores.

Conversei com esses meninos que me "explicaram" os seus quadros com uma verve e uma liberdade raramente encontrados em adultos.

Silvia Regina Goldgaber mostrou-me no seu "Arranha-céu Azul", a grade marrom, a superfície negra do asfalto, a teoria das brancas janelas soltas no céu, explicando a sua "descoberta". Uma menina de dez anos que ao invés de copiar patinhos e colorir bonecos feitos, "cria" alguma coisa que Volpi talvez gostasse de assinar. Não estou diminuindo Volpi, ao revés, estou lhe fazendo o maior elogio. Porque a volta à infância parece ser o tema básico da arte moderna, uma volta necessária à infância depois de toda essa impostura do academicismo, explorando fórmulas e receitas do renascimento italiano.

Volta à infância. Eis o de-que precisamos, neste mundo talado de fórmulas e receitas, não só na arte mas em todos os campos da manifestação social. Os físicos e os biólogos já fizeram essa volta. Estão de novo na infância da ciência, isto é, naquela magnífica euforia de Colombo, estão brincando com os brinquedos novos e terríveis que descobriram, esses brinquedos que se chamam electrons ou ácido desoxiribonucleico.

"O menino destrói o brinquedo — escreve Nietzsche — mas logo se volta para os pedaços com desejo impaciente, para recompô-lo, para reconstruí-lo, regularmente, de acordo com sua estrutura interna".

Isso fizeram os cientistas. Destruíram os brinquedos tão laboriosamente construídos e, ao recompô-los, participam da surpresa deslumbrada da criança. O brinquedo recomposto chama-se "modelo" e o homem moderno construiu, ou melhor, reconstruiu dos cacos de de uma visão despedaçada do mundo, alguns modelos que participam, singularmente, das criações infantis.

Tenho medo de escrever isso. Porque haverá quem pense que quando emprego o adjetivo infantil estou diminuindo a grandeza magnífica da ciência moderna. Evidentemente os modelos são lógicos e matemáticos, o que há de mais pura razão. Mas o demônio da infância, que se compraz em quebrar brinquedos, surge em algumas intuições que jamais poderiam ter surgido das cadeias lógicas ou dos experimentos repetidos. Nessa aurora de criação, que caracteriza a infância, vive a ciência de hoje. O grande Teilhard de Chardin, afirmava estarem passando da idade de pedra da ciência para a visão adulta do mundo.

Talvez pareça um paradoxo, mas a única maneira de obter a visão adulta do mundo será repetir as experiências da infan-

cia. Senão estaremos diante de fórmulas e de receitas e o maior dos mestres será o marques de Maricá ou o conselheiro Acácio.

Os meninos de Ivan Serpa estão livres dessa "bourrage de crane" que, infelizmente ainda são os programas de ensino, não só no Brasil, mas em quase todo o mundo. Ivan Serpa faz com que as próprias crianças "achem" as suas ilhas, navegadores solitários, mas unidos no entusiasmo da experiência comum. Ivan Serpa representa o papel das aves marítimas ou dos sargações que anunciam a presença da terra. Lá está ele, como sinal de uma ilha, como a resposta à grande interrogação.

Contou-me Serpa que um de seus meninos perguntou: Professor, como se faz o cor-de-rosa? Serpa respondeu-lhe, mais ou menos, com outra pergunta. O que é que você acha? O menino intuiu algo, maravilhosamente, e pensou no vermelho. O rosa não seria um vermelho assim mais calmo? E como acalmar o vermelho? A mistura do branco e do carmim surgiu de uma experiência provocada por um cruzar fulgurante de perguntas respondendo a perguntas. O "rosa" incorporou-se à experiência plástica do menino, transformou-se em fato vivido e não em receita de alguma Rosa-Maria das artes plásticas.

A visão do mundo é na criança In-diferenciada. Como In-diferenciada era a visão do homem primitivo. Olhai para as cenas de caça na pintura pre-histórica da Austrália, da Ásia, da África, da Europa Central, da Espanha, da Rússia, da Escandinávia. Comparai-as com a arte pré-colombiana da América em sua fase inicial. Tereis um choque, tão semelhantes, são as formas e os arranjos, parecendo todos provirem de alunos de um mesmo mestre. Aqui caberia alguma reflexão sobre a possibilidade de uma revelação primitiva, que cobriria uma vivência total e não apenas a religiosa. Mas isso já não está dentro do tema.

O que desejo acentuar é a tendência dos maiores artistas plásticos modernos para uma visão infantil do mundo, exatamente a visão infantil (no sentido de desinibida, de intuitiva) do cientista moderno.

Picasso, mestre artesão como foi mestre artesão o nosso Portinari, não raro volta aos esquemas infantis. Suas cenas de praia, algumas das últimas obras de escultura, estão na fase de quatro a seis anos, como nos esquemas dessa mesma fase trabalham Klee, Miro e Dubuffet. Nicholson e Mondrian recuam para esquemas não figurativos de três anos e os tachistas, não raro aos "scribbles" de crianças de um e dois anos. Domingo que vem, voltarei a Ivan Serpa e a seus meninos do MAM, porque ainda há muito que dizer.

Miranda Netto